

## AGOSTINHO NETO E AS SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

Leonel Cosme

*Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem sob circunstância de sua própria escolha e sim sob aquela com que se defrontam directamente.*

Karl Marx

Sempre que leio ou ouço uma apreciação da vida e obra de Agostinho Neto, lembro-me de uma conhecida frase do filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955), geralmente citada por metade: “Eu sou eu e a minha circunstância”, pois completa seria: “se não salvo a ela, não salvo a mim.”

Longe de propender para a metafísica, o que este filósofo humanista quer significar quando fala em salvação é reconhecer o imperativo de impedir que o homem-natural seja reduzido a um homem-massa pelos grupos que exercem o poder social, seja em nome da ciência, do progresso ou da riqueza, mas também eles insertos no processo da massificação, ou, como disse Herbert Marcuse (1898-1979), de unidimensionalização. Quando nesta ordem de des-valores éticos sobrenadou a escravatura, o filósofo e psiquiatra afro-caribenho Frantz Fanon (1925-1961) sustentou que a libertação do escravo negro – não sendo a escravidão uma mera circunstância espaço-temporal – passava pela des-reificação mental do senhor branco.

Mas como o mundo é a terra de todos os homens, a circunstância de o africano negro Agostinho Neto ter vivido na mesma época em que os ricos e os poderosos da Europa e da América exploravam os negros em África e longe de África, considerando-os objetivamente escravos na sua escala de des-valores, fez dele, primeiro, um cristão esperançado na libertação da humanidade sofredora; depois, um político revolucionário, por acreditar que

não bastava “salvar” o mundo, preciso era transformá-lo – como já tinha ouvido fora da sua igreja. E assumiu este mandamento da consciência tão intensamente que o povo da sua terra o venerava como um *kilamba*, isto é, guia, patriarca. Nada mais natural: já dizia outro pensador conceituado, Eça de Queiroz, que “a alma de um povo define-se bem a si mesma pelos heróis que ela escolher para amar e para cercar de lenda.”

Não obstante Santo Agostinho ter expandido filosoficamente que o tempo é o espaço que se vive entre o passado que já não é e o futuro que há de ser, Agostinho Neto viveu historicamente dois tempos-espacos circunstanciais: na juventude, o da negação do *statu quo*; na idade adulta, o de apurar se era certo que *finita causa, cessat effectus*, usando como vetores do juízo definitivo a poesia e a revolta. Num primeiro tempo, enquanto a poesia e a luta ainda eram só uma volição:

Continuai com os vossos sistemas políticos  
ditaduras, democracias.  
Matai-vos uns aos outros  
lutai pela glória  
lutai pelo poder  
criai minorias fortes  
apadrinhai os afilhados de vossos amigos  
criai mais castas  
aristocracias, plutocracias  
aburguesai as ideias  
e tudo sem a complicação  
de verdes intrusos  
imiscuir-se na vossa querida  
e defendida civilização  
de homens privilegiados.

Homens-irmãos  
dai-vos as mãos  
gritai a vossa alegria de serdes sós  
SÓS!  
únicos habitantes da Terra.

Num segundo tempo, já predisposto para a ação:

O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
para conquista da vida perdida

Eu sou. Existo  
As minhas mãos colocaram pedras  
nos alicerces do mundo  
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Sou um valor positivo  
da humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!

Seguirei com os homens livres  
o meu caminho

Segundo filho, entre oito, de pai e mãe professores e pastores evangélicos da Igreja Metodista, na povoação de Caxicane, Agostinho (*Manguxi* lhe chamavam fraternalmente) ali nasceu em 1922 e permaneceu até aos doze anos e fez os estudos primários. Com a transferência dos pais para Luanda ao serviço da sua Igreja, matricula-se, em 1934, no Liceu Salvador Correia, onde tem por colega e amigo de toda a vida António Jacinto de Amaral Martins, poeta como ele. Em 1938, frequentando então o 3.º ano do Liceu, Neto ganha um prémio de poesia num concurso promovido pela Igreja Lusitana Portuguesa, e outro num concurso promovido pelo jornal dos alunos do 7.º ano, *Jacaré*, dirigido por António Jacinto.

Foi o despertar da sua vocação para o discurso pedagógico, veiculado por jornais como *O Estandarte*, órgão de “crentes evangélicos africanos portugueses” de cujo corpo redatorial fez parte; *O Estudante*, outro órgão dos estudantes do Liceu; e mais tarde o *Farolim*, do qual o seu amigo Domingos Van-Dúnem era secretário da redação, um jornal já atento às conquistas socio-políticas operadas mundialmente, antes e após a Segunda Guerra Mundial, com a implantação de governos nazis e fascistas, visando a constituição de novos impérios da Alemanha e da Itália, que também atingiam, por terra, ar ou mar, o continente africano.

É com este cenário mundial que Agostinho Neto exerce a militância como membro da Missão Evangélica, criando o Centro Evangélico da Juventude Angolana, de que foi, como Presidente, promotor de conferências e viagens de estudo a regiões distantes da capital angolana, quais as dos Dembos e Dondo, para os colegas urbanos conhecerem *in loco* o que era o colonialismo, que ele conhecia desde a sua infância na região de Icolo e Bengo e a

memória do povo fixara como a *Revolta de Catete*: a usurpação de terras de cultivo, o trabalho forçado, a segregação racial e a prisão dos revoltados.

O que evidenciavam os escritos no *Estandarte* do ainda militante de uma Igreja Metodista – vinda para Angola dos Estados Unidos e cuja ação pedagógica se exercia na interpretação dos Evangelhos aplicada às vidas (quais as dos negros) desamparadas de Deus e carentes de esperanças num futuro melhor – era que a sua circunstância de negro instruído e formado por pais professores atentos ao mundo envolvente de senhores e escravos o induzia a confrontar a Fé da crença de alguns com a Razão da realidade de muitos outros:

O segredo de viver. Para viver é preciso vencer. Para vencer é preciso lutar. A vitória contra o mal é uma luta de morte: ou vencemos e vivemos ou somos vencidos e morremos. A decisão está na força que empregamos na luta.

.....  
As multidões esperam. As multidões esperam Paz. Ela deve começar portas adentro, no lar de cada cristão. Ela deve começar portas adentro, em cada igreja evangélica. Enquanto a posição social, a raça, a nacionalidade, constituírem diques à fraternidade cristã, as multidões esperarão em vão.

.....  
A Nova Ordem. Quando uma igreja ainda põe ricos dum lado e pobres doutro; sábios aqui e ignorantes ali; quando uma igreja não considera ainda a todos filhos do mesmo Pai, não pode contar que o mundo, em que a maioria não conhece Deus, estabeleça normas melhores.

.....  
A paz que esperamos. Já acabou a guerra, pelo menos a militar. Minorar o espectro da fome e da subalimentação; afastar o espectro do desemprego; afastar o desconhecimento que revolta; reconciliar as nações; impossibilitar a consumação de novas guerras – é o que nós todos profundamente ansiamos se acorde.

.....  
Ngana Nzambi Mundele. Se o negro vê no homem branco o supersumo, é apenas porque é mais fraco e teme o forte; a servidão vem de há séculos e o hábito fica, quase sempre como lei – o hábito de curvar, de admirar...

Terminado o Curso do Liceu e não tendo conseguido uma bolsa de estudos da Liga Nacional Africana para ingressar no Curso de Medicina em Portugal, falecido o pai, que o teria ajudado, pensou em ganhar o dinheiro suficiente para custear a despesa da viagem, ainda com a esperança de conseguir uma bolsa, pelo que concorreu a dois empregos nos Serviços de Saúde, nas províncias de Malanje e Bié. Foram cerca de dois anos de observação, con-

tacto e reflexão em duas regiões do interior, sobre uma igual maneira de viver, sofrer e pensar de um povo ao qual não chegava a doutrina dos Evangelhos nem a fé num Deus cristão.

Pouco depois da sua chegada a Malanje, em 1945, envia a Domingos Van-Dúnem um artigo para o *Farolim*, intitulado “A marcha para o exterior”, do qual respigamos:

A minha pouca experiência impediria que a voz chegasse ao céu se eu desse conselhos. Acho, porém, que a mezinha apropriada para anular os efeitos perniciosos bastantes do eutropismo seria começar por “descobrir” Angola aos novos, mostrá-la por meio de uma propaganda bem dirigida, para que eles, conhecendo a sua terra, os homens que a habitam, as suas possibilidades, saibam o que é necessário fazer-se, para depois querer.

Encontrando-se no Bié, recebe a informação de que a Igreja Metodista Americana lhe concedera uma bolsa de estudos para Portugal. E assim, em setembro de 1947, o candidato a estudante de Medicina embarca para a Metrópole, no navio de carga Lobito, com destino programado à prestigiada Universidade de Coimbra, que sabia frequentada por estudantes das colónias.

A despedida da mãe, que num comovido abraço lhe terá dito algo como “quem espera sempre alcança”, inspira-lhe um dos primeiros poemas que marcariam o seu futuro, pois destruíra muitos outros, escritos anteriormente, por os considerar maus. Mas que decerto não teriam menor qualidade do que “Adeus à hora da largada”:

Minha Mãe  
    (todas as mães negras  
    cujos filhos partiram)  
tu me ensinaste a esperar  
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida  
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero  
sou aquele por quem se espera

Sou  
eu minha Mãe  
a esperança somos nós

os teus filhos  
partidos para uma fé que alimenta a vida

(...)

Amanhã  
entoaremos hinos à liberdade  
quando comemorarmos  
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz  
os teus filhos Mãe  
(...)  
vão em busca de vida.

Nesta hora da largada, após dois anos de vivência e profunda reflexão no interior, o mínimo que se oferece dizer é que a sua crença religiosa tinha perdido a força mística e que em vez de orar era preciso agir. E que aquele que se esperava para conquistar a liberdade não era só ele, já em trânsito do ecumenismo para o eclecismo, mas todos como ele. Aliás, vai repetir muitas vezes: *Eu sou – Nós somos* – também pensando como o “luso-brasileiro”, por nascimento e vida missionária entre negros e índios, Padre António Vieira, que ninguém nascia feito: *Nós somos o que fazemos*. Não por egocentrismo ou ser escolhido dos deuses, mas pelo sentimento de que a humanidade é só uma e porque, como predicava o religioso queniano John Mbiti: “Eu sou porque nós somos; e uma vez que somos, então eu sou.”

Neto não cedia às fronteiras ecléticas que tinha de derrubar e por isso não repetiria a pergunta que outro poeta como ele, Fernando Pessoa, – apesar de ter passado na adolescência pela África do Sul escravista, onde ainda realizou os primeiros estudos – haveria de fazer, muitos anos depois: “Conhece alguém as fronteiras à sua alma, para que possa dizer – eu sou eu?”

Sim, Agostinho Neto conhecia: era ele e outros como ele.

Coimbra não lhe gorou a expectativa: como cidade, era tranquila no povo e na paisagem, apenas se agitando durante a campanha eleitoral em que o concorrente da Oposição à presidência da República era o antigo e malquisto Governador-Geral de Angola, general Norton de Matos, retratado pela propaganda situacionista como Grão-Mestre da Maçonaria – para a maioria dos portugueses uma associação secreta com fins inconfessáveis.

Como Universidade, Coimbra foi uma janela aberta para outro mundo, mas sem excluir da memória os cenários africanos de saudade, evocados por colegas de várias colónias e imbuídos na mesma aspiração: resgatar da sujeição colonial, que ofendia e humilhava, o direito natural à liberdade e ao desenvolvimento. Do seu mundo pátrio, António Jacinto ia mantendo uma correspondência ainda sem mais novidades do que um grupo de ex-colegas do liceu projetava a criação de um movimento literário votado à divulgação da cultura de Angola, cuja génese terá sido o pensamento volitivo já manifestado por ele, Neto, e por Viriato da Cruz: *é preciso descobrir Angola*.

Para Neto, expectante afastado do seu povo e da terra-mãe, a poesia era a companheira terapeuta e camarada no percurso ainda difuso em direção à “sagrada esperança” de libertar o homem e a terra de Angola, com a inspiração mobilizadora de que sobre o “Eu-Mistério” elevava-se o “eu-realidade”; a “Voz do sangue” falava que “o amanhã não será só Ilusão”; no “Novo rumo”, “o destino/ é a própria História/ o Início/ a Concordância”; e num “Poema para todos”, “olha à tua volta/ abre bem os olhos/ – vês?! Aí está o mundo/ construamos.”

Embora o mundo ainda continuasse separado em dois: o dos brancos e o dos negros, teve, à chegada, o gosto de ver que os seus colegas brancos e mestiços nascidos em África o acolheram como igual. Primeiro receou que o seu comportamento de mais-velho contido em hábitos e palavras, ouvindo mais do que falando, o apresentasse como estranho à comunidade universitária, designadamente a ultramarina, que se reunia na Delegação da Casa dos Estudantes do Império e no Ateneu de Coimbra; neste, já num convívio alargado com colegas portugueses, em que se debatia a problemática do regime ditatorial vigente e comentava as leituras de autores portugueses e estrangeiros progressistas, proibidos pelo Governo e à socapa da polícia política. Sem surpresa constatou que, mesmo quando se aludia à formação católica de Salazar como raiz do pacto do Estado com a Igreja Católica, o tema da religião como “ópio do povo” não marcava lugar nas conversas. Por seu lado, o silêncio a respeito do “ópio” era já o de um pós-evangelista, agora sofrendo o trauma do expatriamento, que acabara de escrever um poema intitulado “Ópio”:

Gozo  
gozo ingenuamente

a fingir que não soffro;  
choro como quem ri!

Fumo o meu ópio  
para sonhar

Este poema, datado de 1948, foi dos primeiros escritos em Coimbra e publicado no boletim da CEI, *Meridiano*, criado pelos colegas Veiga Pereira, Antero de Abreu e por ele, entretanto eleito secretário da direção da Delegação da CEI, a que continuavam a afluir mais “africanistas”, constituindo um grupo solidário: além dos já referidos Agostinho Neto, Veiga Pereira e Antero de Abreu – Ivo Loio, Lúcio Lara, Fernando Campos, José Manuel Figueira, Joaquim Forte Faria, Carlos Mac Mahon Vitória Pereira, António Campinos e Orlando de Albuquerque.

Mas o “ópio” era também um “desafio”, como se adivinha no poema “Desfile de sombras”, escrito no ano seguinte, e que sairia no primeiro número da *Mensagem* de Luanda, em 1951:

Pelos milhentos caminhos  
do meu Desejo  
passam sombras a tactear o Nada;

vão  
esforçadas na incerteza  
por abraçar  
os pontos de interrogação da existência.

(...)

Elas vão longe  
ainda vêm longe  
e eu sigo-me através de mim.

Em meados de 1950, os angolanos Agostinho Neto e Lúcio Lara, com o moçambicano Orlando de Albuquerque, criam uma antologia dedicada à literatura e arte denominada *Momento*, da qual só são produzidos dois números pelo facto de Agostinho Neto, com o terceiro ano de Medicina, estar a preparar a sua transferência para Lisboa, visando conhecimentos médicos mais avançados. Mas também em resultado de conversas que lá teve, em duas viagens de férias, com Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral, Armé-



nio Ferreira, este já médico, e Francisco José Tenreiro, já professor universitário, com livro publicado, todos afetos à Casa dos Estudantes do Império e sempre presentes nas suas conferências político-culturais, que convocavam outros estudantes ultramarinos, como Noémia de Sousa, Marcelino dos Santos e Eduardo Mondlane, de Moçambique, e Alda do Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, de S. Tomé.

Francisco José Tenreiro nascera em S. Tomé, vivendo desde criança em Portugal. Arménio Ferreira nascera em Angola, frequentara o Liceu de Luanda e só aos 16 anos veio para Portugal, onde se formou e radicou. Ambos mantinham uma relação próxima com os compatriotas, designadamente os ativistas ou simpatizantes do movimento pró-independência das colónias.

Por eles pôde confirmar o que já lhe tinham dito, por carta, António Jacinto e Viriato da Cruz: que em Luanda a Associação dos Naturais de Angola projetava a publicação em 1951 de uma revista intitulada *Mensagem*, na esteira da *Cultura-I*, criada em 1945 pela Sociedade Cultural de Angola, para o que se estavam a reunir textos de autores ultramarinos e outros, com o sentido mais amplo do que o literário, sabendo eles que, em Lisboa, a CEI era centro de atividades político-culturais tendentes à organização de um movimento, ainda muito restrito, em prol da independência das colónias, que o Partido Comunista Português acompanhava através de membros ou simpatizantes do MUD Juvenil inseridos na CEI.

Por seu turno, Mário e Amílcar ficaram a saber que, também no âmbito das ideias progressistas, na Delegação de Coimbra se promoviam atividades culturais e faziam leituras de livros de alguns escritores portugueses neorrealistas que chegavam às livrarias, e de outros, europeus, norte-americanos e da América Latina, traduzidos ou na língua original, em que se denunciava o racismo e preconizava uma sociedade progressista. Proibidíssimos e na mira da PIDE, estes livros transitavam nas mãos de quem os quisesse ler e ninguém perguntava como tinham entrado nas “repúblicas” e outras moradias dos estudantes mais adiantados.

Quando chegou a Lisboa, e mais propriamente à sede da Casa dos Estudantes do Império, já o seu ativo político-literário incluía as leituras de escritores portugueses como Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol e Ferreira de Castro; de brasileiros como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego; de espanhóis, Garcia Lorca e António Machado; de franceses, Zola,

Aragon e Sartre; de norte-americanos, Steinbeck, Caldwell, Hemingway e Langston Hughes; de ensaios recolhidos de revistas sobre Engels e Marx e, mais vagamente, sobre o pensamento dos negros de África e da América a respeito de um “Renascimento Negro”, que em Coimbra ainda não convocava a atenção e o estudo de uma problemática que em Lisboa já centrava as atividades de um Centro de Estudos Africanos planeado por Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro em 1951, de parceria com Amílcar Cabral, Humberto Machado, Noémia de Sousa, Alda do Espírito Santo e, por último, com ele, Neto.

Era como que um retorno à dinâmica pan-africanista e anticolonial, propagada, no começo do século XX, pelos ativistas Du Bois e Marcus Garvey (cada um a seu modo, sob a atenção da Terceira Internacional comunista...) em alguns países da Europa, incluindo Portugal. Mário Pinto de Andrade, quando se tornou redator da revista francesa *Présence Africaine*, em 1954, da qual já era correspondente, sempre evocava o passado histórico do Movimento Negro para vincular a atualidade reivindicativa dos africanos colonizados.

Face ao seu passado em Coimbra, foi automática a adesão de Neto ao Movimento Democrático Juvenil e ao Movimento Nacional para a Defesa da Paz. E em casa de Humberto Machado, propiciando o relacionamento com a família santomense Espírito Santo, foi também quase imediato o relacionamento com a Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, e por extensão, com os tripulantes negros da marinha mercante alojados na mesma zona, que transitavam entre as colónias e o Brasil e inspiraram a criação do Clube Marítimo, onde chegavam livros proibidos que eles adquiriam nas suas viagens, além daqueles que eram conseguidos pela “progressista” Livraria Buchholz.

Neto conheceu então o pai de uma jovem estudante chamada Maria Eugénia (pela sua popularidade tratavam-na por Geny), que vivia perto da casa de Humberto e com quem, em resultado do local da sua hospedagem numa pensão, seguida de uma mudança para a casa de Humberto Machado, se encontrava diariamente ao fim do dia, à mesma hora de chegada dos dois a casa. Trasmontana como os pais, – ele enfermeiro marítimo, conhecedor das cidades costeiras de Angola, ela dona de um salão de cabeleireira – o início da relação de Agostinho e Geny centrou-se nas evocações das saudosas terras

de origem com as contingências de os seus habitantes mais ousados terem de partir em busca de melhores vidas.

No dia 23 de março de 1952, em plena Guerra Fria envolvendo os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, União Soviética e China, grupos de estudantes universitários atentos à política internacional empenharam-se na recolha de assinaturas para um Apelo Mundial de Paz. Um desses grupos era constituído por Agostinho Neto, Veiga Pereira e Marília Costa Branco, representando as Faculdades de Medicina e de Ciências. Noutro grupo participava o também angolano David Bernardino. Cerca do meio-dia, os três são presos pela PIDE, que os conduziu numa carrinha para a cadeia do Aljube e a seguir de Caxias, onde foram, inicialmente em regime de incomunicabilidade com agressões, sujeitos a vários e infrutíferos interrogatórios sobre alegadas ligações ao Partido Comunista. Curiosamente, na busca feita em casa de Neto, onde apreenderam apenas papéis alusivos ao Apelo Mundial e o livro *Antologia de poesia negra*, de Emílio Ballagas, não havia uma Bíblia...

Três meses passados, sem julgamento nem culpa formada, são postos em liberdade. Esta sua primeira prisão inspira-lhe o poema “À reconquista”:

Vem comigo África dos palcos ocidentais  
descobrir o mundo real  
onde milhões se irmanam na mesma miséria  
atrás das fachadas de democracia de cristianismo de igualdade

(...)

Ninguém nos fará calar  
Ninguém nos poderá impedir  
O sorriso dos nossos lábios não é agradecimento pela morte  
com que nos matam.

Vamos com toda a Humanidade  
conquistar o nosso mundo e a nossa Paz.

O intervalo de liberdade (vigiada) mal chegou para se concentrar nos estudos. Em 1953, arrisca participar, sob a égide do MUD Juvenil, no IV Festival Mundial da Juventude e Estudantes, em Bucareste, e noutro similar em Varsóvia. Em consequência (obviamente...), no início de maio de 1955 volta a ser preso pela PIDE, que no dia 20 o transfere de Caxias para o Aljube do

Porto, onde são acusados de atentar contra a segurança do Estado 51 detidos, julgados pelo Tribunal Plenário Criminal do Porto, tendo Neto como advogado de defesa um causídico prestigiado na cidade, António Macedo, e entre várias testemunhas abonatórias, o velho amigo e colega em Coimbra, Antero de Abreu, já formado em Direito e a estagiar no Porto, com vista a regressar a Angola.

Agostinho Neto foi condenado a 18 meses de prisão, já cumpridos, multa de 6.000\$00 e suspensão de direitos políticos por 5 anos, por alegada participação no MUD Juvenil. Foi libertado em 12 de junho de 1957, ano em que a Amnistia Internacional o elege como Prisioneiro Político do Ano. Durante o cativeiro recebeu duas visitas: a obrigatória do Dr. António Macedo e uma inesperada, graças à intervenção do seu advogado, que invocara a condição de noivado e a sua deslocação de Lisboa: a de Maria Eugénia.

Durante os 18 meses de prisão estreitara-se a relação de simpatia e amizade de Neto e Geny, expressa nas cartas dela, a que, obviamente, ele estava impedido de responder. Ou “respondia” dedicando-lhe poemas que ela haveria de ler, um dia, o que foi possível antecipar, durante a sua visita, com a entrega disfarçada, no abraço de despedida, de alguns escritos em mortalhas de cigarro. Dessa única visita autorizada brotou a confirmação do amor expresso nos primeiros poemas líricos da sua carreira poética, uns escritos já na prisão de Caxias, outros no Porto. O último, “Dois anos de distância”, é datado de fevereiro de 1957 e bem expressivo do sentimento que já os unia:

Saudades – dizes na carta de ontem  
quando nos veremos  
breve ou tarde?  
diz-me amor!

Nos silêncios  
estão as conversas que não tivemos  
os beijos não trocados  
e as palavras que não dissemos  
nas cartas censuradas

Regressado a Lisboa, disposto a concentrar o máximo esforço na última fase dos estudos, ainda contribuiu para a formação do Movimento Anticolonial (MAC), que agregava representantes de todas as colónias. A 27 de outo-

bro de 1958 é licenciado em Medicina e no mesmo dia casa com Maria Eugénia, sendo Lúcio Lara padrinho do casamento. Enquanto aguarda pelo nascimento do seu primeiro filho, Mário Jorge, e prepara malas e bagagens para voltar à pátria, intensifica a sua colaboração com o Centro de Estudos Africanos, que esmoreceu com a partida de Mário Pinto de Andrade e Lúcio Lara para a Europa e de Amílcar Cabral para a Guiné, entre outros. No Centro podiam ler-se as notícias que interessavam saídas na revista *Présence Africaine*, da qual Mário Pinto de Andrade era redator desde 1954, em *L'Humanité*, *Les Temps Modernes* e noutros periódicos, nos quais pontificavam intelectuais progressistas como Jean-Paul Sartre e Albert Camus.

Ao mesmo tempo, procura saber no Clube Marítimo, onde também se encontrava com o Dr. Arménio Ferreira, as últimas notícias de Angola e África que não viriam nos jornais portugueses, certamente porque a Censura as cortaria, e teriam revelado uma escalada já superior àquela que Viriato da Cruz transmitiu quando passou em Lisboa (aleadamente por motivos de saúde), nos últimos meses de 1957, com destino à França, para se juntar ao grupo dos camaradas já instalados em Paris, como Mário Pinto de Andrade, Marcelino dos Santos e Aquino de Bragança. Para Viriato era o seu primeiro passo, no exterior, na caminhada para a concretização do “movimento popular de libertação de Angola” que prognosticava no seu “Manifesto” de 1956. O reaparecimento da revista *Cultura-II*, em 1957, sob a égide da Sociedade Cultural de Angola, para colmatar o espaço vazio que sucedera à extinção da *Mensagem* em 1952 (apenas durara dois anos), fora como outro amanhecer de um novo tempo.

Quando Neto, mulher e filho chegaram a Luanda, nos últimos dias de 1959, embora já sabendo que a PIDE, recém-instalada em Angola para cobrir as eleições presidenciais em 1958 (nas quais Humberto Delgado ganhou nas cidades de Luanda, Benguela e Lubango), havia também iniciado a “missão” de destruir tudo o que apontasse para o nacionalismo angolano, com prisões continuadas desde março, “aquele por quem se espera” não desistiu de cumprir também a sua “missão” de médico de clínica geral e de assumir o dever patriótico de pugnar pela libertação do seu povo. Ainda dentro do aeroporto, um camarada funcionário que tinha sido libertado por falta de acusação substantiva (mais demorada fora a de António Jacinto, Helder Neto, António Cardoso, Luandino Vieira, Adolfo Maria, Mário António e outros) e estava

avisado por um colega de Lisboa do seu embarque, alertou-o, olhando para todos os lados, sobre o ambiente de terror policial desencadeado pela PIDE.

Ainda estava a instalar a família e o consultório, sob o olhar expectante e as saudações festivas do povo da vizinhança, quando os camaradas “provisoriamente” libertos o vão informar que o MPLA já fora reconhecido internacionalmente (e anunciado ao Governo português) com esta sigla, em Conakry, tendo como representantes Mário Pinto de Andrade (presidente), Viriato da Cruz e Lúcio Lara, mas sendo ele, Neto, agora em Angola, o presidente de honra, a quem cabia assumir a direção das ações imediatas face à situação de terror criada e prosseguida pela PIDE.

Quase não teve tempo para se inteirar do andamento de três processos instaurados pela PIDE na sequência de dezenas de prisões desencadeadas em março, maio e julho, compreendendo destacados intelectuais negros, mestiços e brancos, angolanos e portugueses (estes membros da Sociedade Cultural de Angola, como Calazans Duarte, Julieta Gandra e António Veloso), que também viriam a figurar na história do “processo dos 50”, tendo por assistentes quase todos os advogados de Luanda, alguns dos quais chegaram a ser presos, como Diógenes Boavida e José de Almeida Valadas, e na iminência de serem expulsos, Eugénio Ferreira e Antero de Abreu.

Enquanto Neto atendia o povo doente do corpo, com mazelas, e do espírito, atormentado pelo terror policial que assolava a cidade e o musseque, ia ouvindo e orientando os camaradas empenhados na luta de resistência em sintonia com as ações dos grupos do exterior.

Faltou-lhe o tempo para tudo quanto importava: no dia 8 de junho, a PIDE invade-lhe o consultório e leva-o para ser interrogado na sua sede no Hotel Miradouro, seguindo daí para a prisão, onde fica detido à espera da acusação formal. Então é visitado pela mãe, que lhe entrega uma Bíblia para ler enquanto esperava. Ela nunca imaginaria que o filho substituiria a religião pelo materialismo dialético.... Enquanto isto, o povo do musseque e da aldeia de Caxicane explodia em gritos de protesto e raiva contra a prisão do seu *kimbanda* (médico) e *kilamba* (guia) que a polícia dificilmente apaziguava e continha.

Da sua recusa em dizer aos polícias o que quer que fosse fala o poema escrito no mesmo dia 8:

não direi nada  
mesmo que me ofereçam riquezas  
não direi nada  
mesmo que a palmatória me esborrache os dedos  
não direi nada  
mesmo que me ofereçam a liberdade  
não direi nada mesmo que me apertem a mão  
não direi nada mesmo que me ameacem de morte

E no mês de julho:

Aqui no cárcere  
a raiva contida no peito  
espero pacientemente  
o acumular das nuvens  
ao sopro da História

Ninguém  
impedirá a chuva.

Em vão foi ainda a diligência da sua advogada Maria do Carmo Medina para reverter a prisão sem culpa formada. Dias depois é preso, no Paço Episcopal, o Padre Joaquim Pinto de Andrade, Chanceler do Arcebispado, que é levado para fora de Angola sem o conhecimento de familiares e amigos. Como Agostinho Neto é levado também para fora de Angola no dia 8 de agosto, aconteceu que os dois prisioneiros só se reencontraram no Aljube de Lisboa, onde já estava Joaquim Pinto de Andrade em regime de incomunicabilidade.

Veio a saber-se que Joaquim era acusado de ter enviado ao seu irmão Mário um folheto que denunciava a prisão de 50 nacionalistas, para ser divulgado no mundo. E que a PIDE considerava que Agostinho Neto, em liberdade, dada a sua projeção nacional e internacional, seria fulcro de futuras movimentações.

É muito elucidativo o parecer da PIDE apresentado, em outubro, ao Ministro do Ultramar, Vasco Lopes Alves, que lhe deu assentimento:

Se o Dr. António Agostinho Neto fosse apresentado em tribunal para julgamento, todos aqueles co-arguidos sobressairiam nas audiências como elementos de cobertura. Nestas circunstâncias não há dúvida que o julgamento não se

limitaria ao Dr. Agostinho Neto mas teria que abranger todos os arguidos e também o Padre Joaquim Pinto de Andrade que se encontra presentemente na Metrópole.

É um facto que Neto, na cadeia do Aljube, nesse mesmo outubro, profetizava:

Às casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar

(...)

À bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar

Havemos de voltar  
À Angola libertada  
Angola independente

A mesma justificação da PIDE para deter Agostinho Neto serviu para deportar Joaquim Pinto de Andrade, primeiro para o Aljube de Lisboa, a seguir para a ilha do Príncipe (com liberdade vigiada), onde viveu cinco meses só com a ajuda e às custas da missão católica local. Em abril de 1961 é acordado a meio da noite para embarcar num avião militar que o entrega à PIDE em Lisboa e esta deposita-o no Aljube, onde fica quatro meses isolado, até que, por fim, a 19 de agosto, é conduzido por dois agentes ao Mosteiro de Singeverga, no Minho, com a proibição de sair dos seus muros. Por igual, já em março tinha sido preso e deportado para Portugal o cónego nacionalista Monsenhor Manuel das Neves, acusado de ter guardado na sua igreja as catanas dos revoltosos do 4 de fevereiro. Foi internado no Mosteiro de Soutelo, em Trás-os-Montes, com residência fixa, sob a vigilância constante da polícia.

Agostinho Neto é levado de Luanda para a cadeia do Algarve, e daqui para a vila de Ponta do Sol, na ilha de Santo Antão, onde exerce a sua profissão de médico, depois transferido para a cidade da Praia, na ilha de Santiago, onde continua a prestar os seus serviços no hospital, tendo por companhia no desterro a saudade e a poesia por ela gerada:



Para ti também  
mamã  
há uma só palavra  
nesta nova partida para o desterro  
– Coragem, voltaremos a encontrar-nos

(...)

No meu coração de exilado  
todos vós com o vigor do nosso povo  
pelo povo  
pela humanidade  
pela paz.

É um tempo crucial para quem está afastado da pátria e da família. Também já tinha nascido em Lisboa a sua filha Irene Alexandra, motivo invocado pela mãe para visitar o pai ausente, o que foi concedido, surpreendentemente, pelo novo Ministro do Ultramar. O reencontro familiar, em setembro de 1961, deu a Neto o ensejo de ter informação atualizada do seu povo em luta nas aldeias e na cidade de Luanda, desde o 4 de Fevereiro, com o ataque às cadeias que aprisionavam presos políticos. E agora tudo acrescido pelo encarceramento dos velhos amigos e camaradas das letras e lutas, António Jacinto, Luandino Vieira, António Cardoso, Agostinho Mendes de Carvalho e outros, no campo de concentração do Tarrafal, dos quais teve as primeiras notícias por solidários cabo-verdianos que ali trabalhavam desde o período em que fora o “campo da morte” dos comunistas portugueses. Era reaberto com o nome de Chão Bom, em 1961, para receber os nacionalistas angolanos, condenados a pena maior, por não terem lugar nos “campos de recuperação” do Missombo, no Bié, e de São Nicolau, no deserto do Namibe.

Informação animadora, decerto também prestada por Maria Eugénia, foi a de que tinha recebido de Itália a notícia de em breve ser lá publicado o livro *Sagrada Esperança*, com o título *Con ochi asciutti* (Com os olhos secos) – (foi publicado em 1963) – e que internacionalmente continuavam a ocorrer manifestações de protesto e revolta contra a prisão do poeta nacionalista Agostinho Neto, noticiadas por jornais conceituados como o *Times* e *Présence Africaine*, recordando que em 1957 ele fora eleito Prisioneiro Político do Ano pela Amnistia Internacional, o que congregara as vozes de escritores

famosos como Sartre, Aragon, André Mauriac, Simone de Beauvoir, Nicolás Guillén e Diego Rivera. Desta vez, fizeram-se ouvir Basil Davidson, C. Day Lewis, Doris Lessing, Iris Murdoch, John Wain, Kenneth Tyann, John Osborn e Arnold Wesker.

A visita de Maria Eugénia e dos filhos Irene Alexandra e Mário Jorge foi como a luz do amanhecer, depois de uma noite de sombras:

Docemente o sol nasceu  
Docemente o amor brilhou  
E o mundo  
Se tornou também o nosso mundo.

Sem contar, em outubro de 1962 Neto passa de deportado em Cabo Verde a preso político na Metrópole, por alegada exibição de fotos reveladoras da violência do exército português em ações no Norte de Angola. Volta assim para as masmorras do Aljube, onde fica durante meses, sem causa provada. Ora, não se prevenindo com calmantes, nem um médico resistiria à depressão:

Não creio em mim.  
Não existo.  
Não quero, eu não quero ser.

(...)

Eu elevado até o Zero  
eu transformado no Nada-histórico  
eu no início dos Tempos  
eu-Nada a confundir-me com vós-Tudo  
sou o verdadeiro Cristo da Humanidade!

Numa outra fase de negação, o Álvaro de Campos-Fernando Pessoa, olhando o mundo na *Tabacaria*, por fim reconhecia a impossibilidade de o ser renunciar a ser, sonhando:

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

De novo sem contar, em março de 1963, Neto é avisado de que lhe foi concedida a liberdade com residência fixa em Lisboa, para trabalhar no Hospital de S. José, só podendo afastar-se, previamente autorizado, para sítios próximos. É Ministro do Ultramar Peixoto Correia, no seguimento de Governos em Angola e na Guiné, – onde a guerra de libertação também já havia começado –, o que o habilitava, por conhecer o terreno, a avaliar o crescendo da guerra colonial iniciada no tempo do seu antecessor, Adriano Moreira, e a acumulação de críticas internacionais, incluindo as dos Governos de países aliados.

Agora, em liberdade, o ex-presidiário Agostinho Neto exulta:

Ah!  
Faça-se luz no meu espírito  
LUZ!

Calem-se as frases loucas  
Desta renúncia impossível.

(...)

Quem falou não fui eu  
Foi a minha loucura.

O meu lugar está marcado  
no campo da luta  
para conquista da vida perdida

Eu sou. Existo  
As minhas mãos colocaram pedras  
Nos alicerces do mundo  
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Sou um valor positivo  
da humanidade  
e não abdicó,  
nunca abdicarei!

Com a família outra vez reunida, era de novo a hora de recuperar a “sagrada esperança”. Apesar do martírio sofrido no caminho feito, não chegara ao limite da crucificação do Cristo bíblico, nem ao seu lamento no minuto final: Pai! Pai! Porque me abandonaste?

Quem não o abandonara, não sendo um comunista confesso, fora o Partido Comunista, que, estando Neto em Cabo Verde, ainda encarara a hipótese de promover a sua fuga. A decisão fora tomada por Álvaro Cunhal, em Moscovo, na sequência de uma informação prestada por Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz, que ali se deslocaram para participar num congresso internacional. Mas logo que se soube da chegada de Neto a Lisboa, ainda que com residência fixa, só haveria que decidir a oportunidade e o modo de ação. O que aconteceu nos fins de junho, segundo um plano delineado por três membros do PCP – António Dias Lourenço (ex-companheiro de Neto na prisão de Caxias), Blanqui Teixeira e José Nogueira –, com o concurso do Dr. Arménio Ferreira, que deu a cobertura à saída de casa de Neto e família quando foi necessário deslocá-los, sem dar nas vistas, para a doca em Pedrouços. Aqui os esperava um iate comprado para o efeito por José Nogueira, um elemento insuspeito do PCP por ser oficial da Marinha de Guerra. Com a família Neto embarcaria também outro nacionalista protegido do PCP, Vasco Cabral, para se juntar ao irmão Amílcar, a dirigir a luta de libertação na Guiné.

Na tarde de 30 de junho, à hora escolhida, os viajantes compareceram para embarcar num iate, tripulado por José Nogueira e Jaime Serra, que transportaria os passageiros como turistas em férias, portanto sem a menor suspeita da Guarda Fiscal. O iate rumou naturalmente ao Tejo, em seguida ao Algarve, contornando o Cabo de São Vicente, e na proximidade de Olhão, o piloto José Nogueira lançou ferro numa pequena enseada, para todos descansarem e passarem a noite. Manhã cedo, a viagem prosseguiu ao largo da costa espanhola, atingindo a Baía de Cádiz e depois o cabo Trafalgar, já ao cair a tarde. Aqui surgiu a primeira contrariedade: o mar encapelado sacudiu o barco e as pessoas estarreceram. Foi um desafio entre o piloto e as ondas. Venceu José Nogueira, cuja competência e conhecimento da zona repuseram a normalidade, voltando a lançar ferro antes que anoitcesse numa baía tranquila, em que todos puderam respirar fundo e sonhar que de ali até à costa marroquina todos os deuses africanos ajudariam: africanos e outros...

Assim aconteceu: a meio do dia, Tânger estava à vista. De emoção, uns com lágrimas nos olhos, outros com os olhos secos, todos aplaudiriam, se o conhecessem, o emblemático poema de Agostinho Neto:

Com os olhos secos  
– estrelas de brilho inevitável  
através do corpo através do espírito  
sobre os corpos inânimes dos mortos  
sobre a solidão das vontades inertes  
nós voltamos

(...)

Com os olhos secos  
contra este medo da nossa África  
que herdámos dos massacres e mentiras

Nós voltamos África  
estrela de brilho irresistível  
com a palavra escrita nos olhos secos  
– LIBERDADE

Estavam cumpridos dois terços da sua vida e ultrapassadas as circunstâncias que a enformaram. Confirmada a Renúncia Impossível, só faltava agora, no último terço, concretizar a Sagrada Esperança.

### **Leituras básicas de referência**

- AA.VV. (1990). *Agostinho Neto – Ensaio biográfico I*. Luanda: Vanguarda; Lisboa: Caminho.
- COSME, Leonel (2004). *Agostinho Neto e o seu tempo*. Porto: Campo das Letras.
- LARANJEIRA, Pires e ROCHA, Ana T. (2014). *A noção de ser*. Textos escolhidos sobre Agostinho Neto. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto.
- NETO, Agostinho (2009). *Sagrada Esperança – Renúncia Impossível – Amanhecer*. Pref. de João Saraiva de Carvalho e Pires Laranjeira. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

